

**Projetos coletivos na interface arte, saúde e cultura: entre explorações, existências e aparições**

**Collective projects at the interface of art, health and culture: between explorations, existences and appearances**

**Proyectos colectivos en la interfaz del arte, la salud y la cultura: entre exploraciones, existencias y apariencias**

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima<sup>1</sup>

Erika Alvarez Inforsato<sup>2</sup>

Renata Monteiro Buelau<sup>3</sup>

**Resumo:** *Deslocamentos Sensíveis – inscrições públicas de projetos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo*, foi uma pesquisa-intervenção participativa que acompanhou cinco coletivos artísticos, a produção de encontros entre eles, e a invenção de dispositivos de registro para tornar visíveis seus modos de existir, criar e aparecer no espaço público. Possibilitar que a singularidade do que é produzido nesses contextos seja compartilhada, sem que esta divulgação fira os modos de existir desses grupos, foi o desafio e o problema que esta pesquisa buscou enfrentar. As temáticas propostas no início da pesquisa - aparições, existências, explorações - orientaram o caminho da intervenção, e foram tomados como pontos de força para a análise do processo.

**Palavras-chave:** Arte e clínica; Coletivos artísticos; Produção de subjetividade.

**Abstract:** *Sensitive Displacements - public inscriptions of collective projects on the art and health interface in the city of São Paulo* was a participatory research-intervention that followed five artistic collectives, the production of meetings between them and the invention of recording devices to make visible their ways of existing, creating and appearing in the public space. Making it possible for the uniqueness of what is produced in these contexts to be shared, without this dissemination disclosure hurting these groups' ways of existing, was the challenge and problem that this research sought to tackle. The analyzers - appearances, existences, explorations - guided the path of the intervention and were taken as points of strength for analyzing the process.

**Keywords:** Art and clinic; Artistic collectives; Production of subjectivity.

**Resumen:** *Desplazamientos sensibles - inscripciones públicas de proyectos colectivos en la interfaz arte y salud en la ciudad de São Paulo* fue una investigación-intervención participativa que siguió a cinco colectivos artísticos, la producción de encuentros entre ellos y la invención de dispositivos de grabación para visibilizar sus formas de existir, crear y aparecer en el espacio público. Hacer posible que la singularidad de lo que se produce en estos contextos sea compartida, sin que esta diseminación perjudique las formas de existir de estos grupos, fue el reto y el problema que esta investigación trató de abordar. Los temas propuestos al inicio de la investigación - apariencias, existencias, exploraciones - guiaron el camino de la intervención y fueron tomados como puntos de fuerza para analizar el proceso.

**Palabras claves:** Arte y clínica; Colectivos artísticos; Producción de subjetividad.

<sup>1</sup> Curso de Terapia Ocupacional; Faculdade de Medicina da USP

<sup>2</sup> Curso de Terapia Ocupacional; Faculdade de Medicina da USP

<sup>3</sup> Curso de Terapia Ocupacional; Faculdade de Medicina da USP

## Introdução

As práticas estéticas – artísticas e corporais – e as estratégias e tecnologias de cuidado que elas engendram, desembocam num campo relacional no qual a invenção e a sensibilidade são compartilhadas na produção de um plano comum da experiência. O comum - aquilo que nos permite comunicarmo-nos e atuar juntos – é produzido em cada prática que se faz no espaço dos encontros e das trocas. A comunicação, colaboração e cooperação nos espaços coletivos e nas comunidades, não só estão baseadas no comum, mas, por outro lado, produzem o comum. Esta produção do comum permeia hoje todas as formas de produção social (Hardt; Negri, 2005) e pode fortalecer-se em alianças que criam refúgios e incubadoras que cuidam e acompanham processos de germinação e fortalecimento de práticas de resistência.

O Grupo de Pesquisa Produção de Subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional (PACTO-USP) integra ensino, pesquisa e extensão num campo de interface com as artes, o corpo, a saúde e a cultura, no âmbito da universidade. Desde 1998 articula redes em cooperação com coletivos artísticos e culturais, instaurando modos de existir e criando um território comum. Desse contexto emergiu a pesquisa “Deslocamentos Sensíveis – inscrições públicas de projetos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo”<sup>4</sup>.

A proposta assumiu a perspectiva de uma pesquisa-intervenção para acompanhar processos de fortalecimento da rede de parcerias do PACTO-USP, com a participação de cinco coletivos artísticos: o Coletivo Preguiça, o Coral Cênico Cidadãos Cantantes, a Cia Teatral UEINZZ, a Oficina de Dança e Expressão Corporal ODEC e o Ponto de Cultura É de Lei. Através da criação de lugares de experimentação, registro e reflexão, buscou-se conhecer e documentar a singularidade dos modos de operar desses grupos e criar formas para compartilhar esses modos de operar e suas produções, na tentativa de multiplicar metodologias de resistência à padronização que rejeita a dimensão múltipla e paradoxal no tratamento à vida.

O problema de pesquisa foi assim formulado:

Possibilitar que a singularidade daquilo que é produzido nesses contextos – patrimônios materiais e imateriais dos grupos e do campo das ações na interface arte, saúde e cultura – seja compartilhado e possa incidir em outros territórios, sem que esta divulgação fira os modos de existir desses grupos, é o desafio e o problema que esta pesquisa busca enfrentar (Lima *et al.*, 2018, p. 2).

<sup>4</sup> Pesquisa contemplada no Edital Universal do CNPq Chamada, Processo 438439/2018-0; e, aprovado no Comitê de Ética - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, CAAE: 04234818.2.0000.0065.

O compromisso ético-político envolvido na proposta, de pesquisar e de viver junto a formas de vida que escapam às capturas homogeneizantes e aos funcionamentos sociais prevalentes, requereu, de saída, um posicionamento crítico diante do saber acadêmico que, historicamente, ocupa um lugar ambíguo entre o poder e a potência, a invenção de mundos e a reificação de formas de dominação e controle. Essas questões orientaram as explorações teóricas e as propostas acontecimentoais.

Em torno do problema da pesquisa, logo no início do percurso, emergiram três analisadores, que orientariam o caminho da intervenção: aparições, existências, explorações. Iniciamos instaurando um plano comum entre cinco os coletivos envolvidos através da proposição entorno dessas três temáticas aglutinadoras. Em seminários e oficinas nos aproximamos para estudar: [aparições]: onde e quando os coletivos e suas produções aparecem no espaço público? Como essas aparições acontecem?; [existências]: como cada coletivo tem feito para existir ao longo do tempo? Como é fazer coisas juntos?; e, [explorações]: o que cada um considera que é pesquisa no trabalho desenvolvido nos coletivos? Como a parceria com a universidade contribui ou pode contribuir para cada os coletivos? (Lima *et al.*, 2022a).

Um ano depois de iniciada a pesquisa, esta foi atravessada pela pandemia de Covid-19, o que exigiu sua reconfiguração. O modo cartográfico de realizar-se, acompanhou o processo que foi sendo criado coletivamente, atravessado por esse acontecimento. Esse caminho, marcado pelo isolamento e todas as circunstâncias decorrentes da pandemia, deixou ainda mais claro a importância dessa rede e fez a pesquisa se constituir num lugar de cuidado mútuo, de encontro, de enfrentamento das dores e da solidão. Assim, as relações entre produção artística e cultural, produção de cuidado, produção de subjetividade e resistência coletiva, se evidenciaram na experiência estudada (Lima, *et al.*, 2022b).

### **Dos encontros vividos e seu compartilhamento**

A pesquisa teve que se deslocar para acompanhar as linhas de desterritorialização que a atravessavam e criar formas de sustentação para os coletivos e para a rede entre os projetos que vinha se formando e fortalecendo. A experimentação ganhou corpo e tornou-se uma aposta política e teórica para seguirmos com o trabalho de pesquisa, atentas ao momento presente e aos desafios que nos impunha. As preocupações tornaram-se avassaladoras frente ao distanciamento social e à nova situação sanitária que envolvia a cidade de São Paulo, e, inusitadamente, todo o planeta. Muito do trabalho na interface arte, saúde e cultura, onde se

alocava esta pesquisa baseia-se no encontro vivo, com corpos presentes e na convivência heterogênea dos grupos, o que permite construir coletivamente diferentes estratégias de emancipação coletiva, de criação, articulação e participação nos processos de produção de grupalidade. Como estariam as vidas dos participantes? Que ferramentas poderíamos criar para acessar os acontecimentos vivenciados pelos grupos e por cada um dos participantes frente ao distanciamento?

Fazer a pesquisa operar como um ponto de ativação e cuidado daquela rede pareceu um trabalho importante. A estratégia utilizada foi a da habitação e ativação da própria rede, na coleta das diferentes formas de contato – telefone, celular, e-mail – e a partir da comunicação com a camada de participantes mais próxima, fomos tentando alcançar aqueles que estavam mais distantes e buscando identificar os que haviam se desgarrado da rede. Fizemos uma vídeo-carta, um convite endereçado aos participantes para ficarmos próximos, ainda que distantes fisicamente, que foi disparada por vários canais de comunicação da pesquisa, os que já existiam e os que estavam sendo criados a fim de ampliar as possibilidades de contato.

Seguimos no desafio de trabalhar entre mundos, habitando espaços de isolamento limitados e restritos e experimentando a multiplicação de lugares e conexões produzida pelos dispositivos tecnológicos. A equipe de pesquisadoras e os participantes da pesquisa envolveram-se na preparação de encontros através de plataformas digitais, com a organização de Oficinas e Seminários, para discutir temas que fossem importantes para todos. Nos Seminários conversamos sobre modos experimentados pelos coletivos de aparecer no espaço público, sobre as formas de existências coletivas inventadas, também no momento de distanciamento social, e sobre a relação entre a pesquisa e a vida. Nas oficinas, lidamos com o desafio da experiência corporal numa vida em que os encontros se davam quase que exclusivamente pelas telas, como na oficina “Como incorporar o rosto”, e tratamos dos modos de fazer curadoria de imagens.

No acompanhamento do processo e dos encontros promovidos pela pesquisa foi sendo produzida uma grande quantidade de materiais audiovisuais, desenhos, fotografias, anotações e narrativas que pediam a invenção de uma metodologia de curadoria colaborativa no campo das práticas artísticas comunitárias que, enquanto era realizada, era ao mesmo tempo pesquisada, contribuindo para a análise e validação da pesquisa.

O processo curatorial – envolvendo ações de catalogação, organização e seleção dos materiais produzidos, sua análise, e a criação do eixo conceitual e sensível –, desembocou em dois produtos: um arquivo/acervo de imagens, narrativas e outros registros do processo da

pesquisa; uma plataforma digital a ser visitada pelos participantes e público em geral, na qual foram depositados parte desse material, trabalhado numa perspectiva sensível, cujo eixo curatorial foi o próprio problema da pesquisa, referido às relações entre existir e aparecer no espaço público. A plataforma digital amplia o alcance de circulação dessa experiência e dos coletivos que dela participaram, e pode favorecer sua inserção cultural.<sup>5</sup>

O processo curatorial foi realizado pela equipe do PACTO<sup>6</sup>, em interlocução com o Grupo de Experimentações Poéticas e Políticas do Sensível (GEPPS), que operou como um intercessor (Deleuze, 1992), no sentido de empurrar a pesquisa para mais longe, inscrevendo-a com mais consistência num campo de interface das artes com a clínica, onde um saber-fazer opera deslocamentos nas configurações mais estabelecidas de um campo e de outro, criando fricções, aberturas, passagens e sentidos onde antes não havia.

Ao caminhar por essas questões sentíamos que a ideia de documentação e registro se alargava para fazer caber inventividades, silêncios e esquecimentos, na tentativa de preservar um reservatório de possíveis na relação com a experiência, mantendo-a aberta a reinvenções constantes.

As temáticas propostas no início da pesquisa – aparições, existências, explorações – operaram aqui como marcadores, lugares de pouso para a proliferação de imagens, encontros e ideias que permitiram o desenvolvimento do trabalho reflexivo, de seleção e criação; e gradualmente foram dando lugar a borramentos, cruzamentos e intersecções.

### **Explorações, existências e aparições: analisadores**

As questões inicialmente formuladas no projeto contribuíram para a reconfiguração da pesquisa no contexto da pandemia, e ganharam outras camadas de consistências a partir da intercessão de novos problemas. Como estabelecer relações com outras formas de vida indo em direção a elas e não as puxando para formas preestabelecidas? Como construir uma pesquisa implicada e realizar um movimento compromissado com a noção de agenciamento coletivo de enunciação? (Lima *et al.*, 2018).

As apostas feitas decorriam de longas conversas e novos estudos por parte da equipe, o que não acalmou a angústia frente aos desafios, mas contribuiu para adensar as reflexões em

<sup>5</sup> A plataforma pode ser acessada em: <https://pacto.art.br/pesquisas-e-projetos/deslocamentos-sensiveis/>

<sup>6</sup> A equipe de curadoria da pesquisa foi coordenada pela pesquisadora Renata Monteiro Buelau e composta pelas pesquisadoras Eliane Dias de Castro e Juliana Araújo Silva e pelas bolsistas Giovanna Pereira Ederli, Laís Rosedo Xavier da Silva e Luciana Kanashiro Ishimitsu, que eram estudante de graduação em terapia ocupacional quando a pesquisa foi desenvolvida..

torno da pergunta-problema da pesquisa: investigar e inventar formas de compartilhamento do que é produzido nos coletivos participantes da pesquisa que não ferissem os modos de existirem desses grupos. De algum modo o acontecimento da pandemia parecia recolocar esse problema com mais urgência: como produzir visibilidade e ao mesmo tempo cuidado com os modos de existência de cada coletivo?

Os enunciados iniciais da pesquisa que orientaram o caminho da intervenção e operaram como marcadores e lugares de pouso no tratamento das imagens, constituíam, por fim, pontos de força da análise do processo.

[Explorações] indicava o plano comum que buscamos engendrar: um campo de pesquisa, exploração, experimentação, trazendo também, na própria palavra, os riscos e ambivalência inerentes às relações que se estabelecem quando o ato de pesquisar emerge de uma instituição acadêmica e se volta para uma relação com a comunidade. Como apontado pelos próprios participantes da pesquisa na Oficina [explorações], explorar remete a *se jogar no desconhecido; ir para a floresta; conhecer as várias possibilidades de algo, de uma técnica, de um problema; desocultar o oculto*. Faz pensar em *interesse; curiosidade; desafio; desejos; força; mistério; ousadia*. Mas também leva a perguntar sobre as relações entre *explorar e invadir, usufruir, retirar* algo e faz pensar em *desigualdades, abuso, opressão*. Do explorar no sentido de curiosidade, ao explorar no sentido de retirada, de uma relação de composição a uma relação de extração, via-se uma espécie de campo de sentido variante: onde se encontrava a pesquisa em meio a este campo? Se tratava de uma ambiguidade, apontou alguém. Uma ambiguidade e um paradoxo que se impunha acima da tentativa de criar um sentido único (Lima *et al*, 2022a).

O analisador [explorações] nos manteve atentas às relações de poder que atravessam uma pesquisa-intervenção, e à responsabilidade nela implicada. Como diz Donna Haraway (1995), pesquisar é estar em meio a relações com coisas e seres que importam e que exigem resposta. A capacidade de responder é a capacidade de se responsabilizar por aquilo que se faz no interior dessas relações e cuidar do que está envolvido nesses processos.

Mas o que estávamos explorando?

Um certo modo de viver junto e um certo modo de aparecer no espaço público. Sendo que na proposição desses modos haveria uma indissociabilidade entre existir e aparecer. Os modos de existência confirmam uma perfeição na sua maneira de ser e na arte de aparecer para o mundo (Lapoujade, 2017).

Assim, intrincado e implicado com as aparições, o analisador [existências] visava problematizar os modos de vida singulares e coletivos que iam sendo constantemente inventados. Queríamos conversar e pensar sobre como cada projeto sustentava, num plano comum, o desafio de fazer coisas juntos, por tanto tempo. Uma pergunta que insistia num momento de ameaça e luta para seguir existindo, e fornecia pistas para a travessia que se impunha, intensificando a confiança num certo modo de estar junto capaz de se reinventar a todo tempo.

O processo da pesquisa investiu nas [existências] como seu procedimento central. Trabalhamos, estudamos, pesquisamos, fazendo existir algum comum, uma rede, modos de estar juntos na distância, buscando sustentar, com todas as dificuldades e fragilidades, as vidas que estavam vinculadas à pesquisa. Tomar o analisador [existências] como procedimento colocou em relevo a dimensão clínica da pesquisa em sua inseparabilidade da dimensão estética, de criação rigorosa e comprometida com a vida. Um método estético-clínico se configurou na produção de encontros, na ativação dos corpos, no combate ao isolamento, no acompanhamento das reverberações que os encontros produziam. “Existir é sempre existir de alguma maneira especial, singular, nova e original, é existir à sua maneira” (Lapoujade, 2017, p. 89).

Assim, num método tateante, de caráter inventivo, com operações muito próximas àquelas da clínica, com procedimentos que colocavam no centro a produção da existência coletiva, alguns caminhos foram se desenhando no processo de pesquisar os eventos e acontecimentos que o próprio processo engendrava.

Se [existências] tornou-se procedimento, [aparições] se configurou como o problema central da pesquisa, enunciado no projeto e intensificado em tempos de limitação da vida e dos encontros às experiências das telas e das redes digitais de comunicação. O problema nos interpelava de forma paradoxal. Perguntar-se sobre como as [aparições] poderiam acontecer sem ferir os modos de existir levava a questionar porque pensamos que as [aparições] poderiam ferir os modos de existir e como isso se daria?

Sim. Havia uma afirmação implícita em nossa pergunta que precisava ser explicitada. O excesso de transparência e exposição pode ferir os olhos, o coração, a pele, ... e os modos de existir e de estar no mundo. Alguns modos de existência acontecem na penumbra e precisam de um certo escuro para existir, aparecer, se fazer presente. Outros se desvelam aos poucos. A forma como a divulgação de um trabalho ou de um coletivo é feita pode ferir um modo de existência pelo simples fato de que este modo de existência se constrói numa circulação pelas margens, pelas bordas, pelas franjas, pela penumbra. Colocar muita luz nessas existências já é

uma forma de ferir ... A afirmação da existência do outro passa também pela certeza de que ele ou ela nunca estarão inteiramente desvelados para nós; a existência do outro comporta sempre algo de mistério e ocultamento.

Para Byung-Chul Han (2018) o imperativo da transparência, numa sociedade onde tudo é visto e se vê, acelera a comunicação quando o igual responde ao igual. Nesse contexto, a alteridade, o que é alheio a essa lógica, a resistência do outro, atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. “A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho”, as imagens tornam-se transparentes quando despojadas de dramaturgia, coreografia, cenografia, enfim, de todo sentido (Han, 2018, p. 11).

Ricardo Fabbrini (2016), pensando com Baudrillard, diz que as imagens hegemônicas que circulam na sociedade da hipervisibilidade, em computadores, televisões e celulares são “imagens obscenas”, no sentido de que elas nada escondem, ou tudo dão a ver. Imagens planas, chapadas, lisas, de um “mundo sem falhas”, ou de uma “continuidade sem fissuras”. Imagens sem enigma nem mistério, sem face oculta ou avesso, desérticas e vazias pela “inflação de signos”, que produziriam, paradoxalmente, uma “deflação de sentido”.

A aposta da pesquisa, ao contrário, era a de que a força das [aparições] estaria na busca por desviar da hipervisibilidade e da espetacularização, o que requereu uma imersão nos materiais, guiada pela memória afetiva de quem esteve envolvido nos encontros, que acolhesse o risco da criação em contraponto a uma reverência excessiva ao registro documental. Nesse processo identificamos, do ponto de vista ético e estético, uma precariedade que interessou, como uma posição no mundo da hiperexposição... resistir ao imperativo de fazer obra, sustentar inacabamentos.

Formulação paradoxal: apresentar e dar visibilidade a essas produções “sem ferir seus modos de existência” passa por retirá-las de uma posição intocável, numa tentativa sem garantias. Pois, nos perguntávamos ainda, seria possível, estando junto, não ferir? Afinal, o encontro não é uma ferida? “Uma ferida que, de uma maneira tão delicada quanto brutal, alarga o possível e o pensável, sinalizando outros mundos e outros modos para se viver juntos” (Fiandeiro; Eugenio, 2012, p. 1).

### **Conclusões (sempre) provisórias e caminhos que se abrem**

A partir de estratégias metodológicas da pesquisa intervenção, o estudo se fez por acompanhamento e descrição das ações desenvolvidas como um modo de reequacionar as



dicotomias entre teoria e prática, sujeito e objeto, afirmando o caráter criativo da intervenção, ao construir e utilizar analisadores que ressaltassem os elementos de diferenciação e de singularização dos processos. “Os analisadores seriam acontecimentos – no sentido daquilo que produz rupturas, que catalisa fluxos, que produz análise, que decompõe” (Barros, 2017, p. 231). Tratou-se sobretudo de recolher marcas, sinais, acontecimentos que se colocaram em estado de proliferação, para torná-los sensíveis e constituir esteios para as vidas e para os processos de criação.

Uma pesquisa de “acontecimentos sensíveis começa a partir do momento em que aceitamos nos aproximar, pelo olhar, pela escuta e pela escritura” (Didi-Huberman, 2021, p. 471). Aproximar-se, documentar, tornar sensível, para explorar nas imagens e nas aparições tudo aquilo que elas sabem contestar, revelar e esconder. Fazê-lo em experimentações estéticas que expressam uma atenção aos acontecimentos do sensível, sejam eles artísticos ou não (Didi-Huberman, 2021).

O que vivemos foram tentativas para seguir coletivamente no projeto comum. A equipe, os coletivos e participantes teceram juntos um novo ponto de intersecção de uma rede que já vinha se tecendo, adensando possibilidades de participação e troca, instaurando uma política de cuidado com as experiências, construindo um conhecimento na relação com as intervenções e incorporando em suas análises seus principais efeitos. O andamento da pesquisa ganhou força no reconhecimento dos movimentos dessa rede, que ativou modos de existência e mobilizou suas durações, em ações coletivas que ultrapassaram o âmbito e a mediação da pesquisa.

A partir dos encontros, cada uma de nós se deslocou. Não permanecemos as mesmas, nos gravamos uns nos outros. E nessas relações há sempre, inevitavelmente, jogos de poder, pois, do nosso lugar de pesquisadoras sempre trazemos uma marca, uma forma de relação e de existência que produz uma *impressão*. O que fizemos, ao sustentar uma posição crítica e manter a atenção a esses processos, foi não deixar que isso se tornasse absoluto para que outras formas de relação também pudessem estar presentes. O cuidado atento e a busca de uma postura ética foi, talvez, o que permitiu que relações de poder não se cristalizassem em relações de dominação. Toda questão estaria em sustentar a perguntar pelo limite ético que viola o ferimento que é possível a cada um suportar.

Nos encontramos, fizemos juntos, num campo de diferenças e assimetrias, mas também de ressonâncias insuspeitas. Estéticas da existência (Foucault, 2004): olhar para os modos de existir como obras de arte, obras da vida.

O que se perseguiu, portanto, foi o acesso a uma certa frequência sensível mobilizada pelo desejo de fazê-la vibrar em outros lugares, sustentada em relações de confiança e cuidado. As chances de êxito são incertas e o ponto de parada difícil de reconhecer. Embora o risco de um autoritarismo esteja sempre presente, a criação que passa por uma profanação dos acontecimentos não implica necessariamente em descaso, como se qualquer coisa valesse. Talvez os procedimentos precisem ser muito inventivos e inusitados para se estar à altura dos acontecimentos, o que acrescenta graus de dificuldade à tarefa. O desafio seria realizar uma torção a partir dos rastros que essas experiências deixaram. Esta seria a dobra. Contraefetuar os acontecimentos num processo de criação empenhado em produzir reverberações, zonas de intensidade compartilháveis, e comprometido com a impossibilidade de representá-las ou replicá-las, pois sempre há linhas que escapam, que permanecem inacessíveis.

Seria criminoso e estúpido colocar os vaga-lumes sob um projetor acreditando assim melhor observá-los. Assim como não serve de nada estudá-los, previamente mortos, alfinetados sobre uma mesa de entomologista ou observados como coisas muito antigas presas no âmbar há milhões de anos. Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela. Assim como existe uma literatura menor - como bem o mostraram Gilles Deleuze e Félix Guattari a respeito de Kafka -, haveria uma luz menor possuindo os mesmos aspectos filosóficos: “um forte coeficiente de desterritorialização”; “tudo ali é político”; “tudo adquire um valor coletivo”, de modo que tudo ali fala do povo e das “condições revolucionárias” imanentes à sua própria marginalização (Didi-Huberman, 2011, p. 52).

Na busca por experimentar as potências de uma *luz menor*, o trabalho de pesquisa e invenção coincidiu, também, com o trabalho clínico. Tentativas. Procedimentos agenciando-se num espaço de fronteira. Habitando essa encruzilhada, sem determinações prévias, mas povoadas por todos esses pensamentos que funcionavam como uma espécie de margem, resgatávamos fragmentos, faíscas, brilhos, vácuos, silêncios, inacabamentos... para fazê-los seguir sua dança, como um curandeiro e seus encantamentos.

Nesse ponto de parada, não temos a pretensão de responder às questões, tantas, levantadas durante a pesquisa, mas de deixá-las vivas ali onde algo aparece e algo se esconde, e um signo pode fazer ver, indicando, também, todo um conjunto de memórias, histórias e imagens que vivem nos corpos daqueles que estiverem presentes aos acontecimentos.

## Referências

- BARROS, R. D. B. **Grupo**: afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulinas, 2017.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vagalumes**. Trad. V. Casa Nova e M. Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Povo em lágrimas, povo em armas**. Trad. H. Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- FABBRINI, R. Imagem e enigma. **Viso: Cadernos de Estética Aplicada**. São Paulo, v. 10, n. 19, p. 241-262, 2016. DOI: 10.22409/1981-4062/v19i/245. Disponível em: <https://revistaviso.com.br/article/245>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- FIANDEIRO, J.; EUGENIO, F. O encontro é uma ferida. Excerto da conferência-performance Secalharidade. **Culturgest**. Junho, p. 1-4, 2012. Disponível em: <https://ladcor.files.wordpress.com/2013/06/o-encontro-c3a9-uma-ferida.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V**: ética, sexualidade, política. Trad. E. Monteiro e I. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-287.
- HAN, B.-C. **Sociedade da transparência**. Trad. E. P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Capinas, v. 5, p. 7-41, 1995.
- HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- LAPOUJADE, D. **As existências mínimas**. Trad. H. S. Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- LIMA, E. M. F. A. *et al.* **Deslocamentos sensíveis**: inscrições públicas dos modos de existência de projetos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo. Projeto apresentado e aprovado no Edital Universal. CNPq, 2018, 23p.
- LIMA, E. M. F. A. *et al.* **Deslocamentos sensíveis**: inscrições públicas dos modos de existência de projetos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo. Relatório de Pesquisa apresentado ao CNPq, 2022a, 163 p.
- LIMA, E.M.F.A. *et al.* Pesquisar Coletivamente: deslocamentos sensíveis em tempos de distanciamento. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**. São Paulo, v. 32 n. 1-3, p. e204818, 2022b.

## Sobre as autoras

**Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima**: docente no departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, trabalha no Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, no Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social - MPTO-FMUSP e no Programa de Pós-Graduação Interunidades Estética

e História da Arte do Museu de Arte Contemporânea - PGEHA-MAC-USP. É coordenadora do Grupo de Pesquisa Produção de subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional - PACTO-USP.

*E-mail:* beth.lima@usp.br

**Erika Alvarez Inforsato:** docente no departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, trabalha no Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, no Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social - MPTO-FMUSP e no Programa de Pós-Graduação Interunidades Estética e História da Arte do Museu de Arte Contemporânea - PGEHA-MAC-USP. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Produção de subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional - PACTO-USP e membro da Equipe de coordenação da Cia Teatral Ueinz.

*E-mail:* erikainforsato@usp.br

**Renata Monteiro Buelau:** terapeuta ocupacional no departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades Estética e História da Arte do Museu de Arte Contemporânea - PGEHA-MAC-USP e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI ECA USP). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Produção de subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional - PACTO-USP.

*E-mail:* renatabuelau@usp.br

Recebido em: 31 de janeiro de 2025

Aprovado em: 21 de abril de 2025